

SEXUALIDADE E LITERATURA NAS DOBRAS DO (IM)POSSÍVEL

SEXUALITY AND LITERATURE IN THE (IM) POSSIBLE

Dhemersson Warly Santos Costa¹

Maria dos Remédios de Brito²

Resumo: O artigo pondera algumas reflexões sobre a Literatura como experimentação, uma máquina de produção de n' sensações que incita o pensamento no leitor e instiga outras possibilidades de exercício da sexualidade. Literatura embaralhando sexualidades, possibilitando pensar outras conexões, outros arranjos, dando visibilidade ao que é vital, as intensidades, para além dos regimes identitários, deixando vazar pequenas frestas de uma diferença pura, povoada por singularidades. O que pode o encontro da literatura e da sexualidade dentro de um espaço formativo professoral? Que ressonâncias produzem? Que potências criadoras saltam do universal? Que fluxos elas vibram? Que sexualidades são inventadas na literatura? Que ruídos ressoam nos corpos e no pensamento?

Palavras-Chave: Literatura. Sexualidade. Laboratório de Leitura. Filosofia.

Abstract: The essay ponders some reflections on Literature and sexuality. Literature will be placed as a creative process enabling new vital arrangements and new interpretations of the world, and the idea of sexuality goes through the lines of desire as production. The writing experience is inspired by the thought of the difference of Deleuze and Guattari and in the encounters with the literature of Caio Fernando and Nelson Rodrigues. Without intending to found literature by philosophy or philosophy by literature, we ask: What can this encounter with literature and sexuality within a teacher training space? What resonances do these encounters produce? What creative powers jump from the universal? What noises are possible? What sexualities are invented with literature? These are some of the issues that mobilize this essayist writing that more than respond to wish to provoke.

Keywords: Literatura. Sexualidade. Laboratório de Leitura. Filosofia.

I

Abertura

“Há um excesso de cores e de formas pelo mundo. E tudo vibra pulsátil, fremindo”.

Caio Fernando Abreu

“Não me lembro dela nem seu rosto porque até o momento seguinte tudo seria esquecido”.

Caio Fernando Abreu

¹ Graduado em Ciências Biológicas-UFPA. Atualmente mestrando em Educação em Ciências pelo Instituto de Educação Matemática e Científica. E-mail: dhemerson-santos@hotmail.com

² Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Pará. Pós Doutora em Filosofia da Educação pela Universidade de Campinas-UNICAMP. Professora da Universidade Federal do Pará, ligada aos Programas de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas PPGECEM/UFPA e Artes/ICA da UFPA E-mail: mrdbrito@hotmail.com

Um convite... Maquinar um laboratório criativo dialogando sexualidade e literatura em uma semana acadêmica do curso de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará. *Desafio Aceito*. Convocamos para o ato os escritos literários de Caio Fernando Abreu e Nelson Rodrigues. Para mobilizar a temática da sexualidade roubamos da filosofia francesa contemporânea de Gilles Deleuze e Félix Guattari, inspiração para conduzir as discussões. Uma trama está armada, em cena um laboratório de literatura e sexualidade e filosofia e... Alunos e professores em formação dramatizam este espetáculo, o que pode esse encontro? Que ressonâncias produzem? Que potências criadoras saltam do universal? Que ruídos elas vibram? Que fluxos ressoam nos corpos e no pensamento?

O ensaio pretende ponderar algumas reflexões sobre a potência da literatura em criar um embaralhamento nas concepções demasiadamente conservadoras que engendram a sexualidade em uma perspectiva meramente biologizante, reducionista e funcional, produzindo fissuras dentro e fora do espaço ficcional, instigando no leitor desassossego frente às possibilidades do novo.

A literatura e a sexualidade entram neste espaço formativo laboratorial para colocar o território da sala de aula em deriva. Interessam-nos os processos que atravessam as experiências sensíveis, saltando as maquinarias formativas compromissadas com o sujeito universal; os movimentos singulares e aberrantes traçados no interior da sala de aula; as sexualidades que atravessam esse corpo borrado de fronteiras, limites, horizonte e dão visibilidade a uma sexualidade produzida pela intensidade dos encontros.

O texto percorre uma escrita mobilizada por linhas de intensidade... Múltiplas entradas, aberturas, tocas, barulhos... Antes de adentrarmos nas questões levantadas, entendemos necessário o esforço para situar em que campo teórico discutimos a sexualidade, visto que o tema é tratado sob diferentes perspectivas.

II

Nas dobras das sexualidades outras

Moléculas, Genes, Tecidos, Órgãos, Sistemas, Organismos... Um corpo e seus fragmentos dilacerados. Sobre a pele um mapa, rastros traçados, um caminho percorrido pela cabeça, tronco e seus membros. Um repertório orgânico, funcional, maquinado por engrenagens, compõe o sistema reprodutor, pênis, vagina, ovários, testículos, útero,

gônadas, testosterona... Cada estrutura exerce uma função orgânica, fundando uma identidade monolítica inscrita sob o corpo, reverberando em dicotomias e suas generalizações. Toda essa parafernália, operada pela Ciência e os seus métodos científicos, compõem a sexualidade aceita e reforçada como verdade, uma sexualidade que é limitada aos órgãos sexuais, subordinados a uma finalidade, a reprodução (SANTOS; BRITO, 2017). Há todo um esforço para universalizar a sexualidade, enclausurá-la em uma estrutura binária, buscando solidificar uma essência primeira, sólida e imutável.

Essa concepção de sexualidade que tomou conta da modernidade e ainda reverbera na mente e nos corpos da sociedade atual já era denunciada por Freud e seus expoentes da Psicanálise (CORRÊA, 2006). Para esse autor, a sexualidade não está limitada aos órgãos genitais, ela atravessa todo o corpo, um emaranhado, um carinho, um olhar, um gesto, um toque, uma palavra... Tudo remete à sexualidade. Deleuze e Guattari recebem as teorias freudianas com entusiasmo, mas também com certos cuidados, pois Freud, apesar de em alguns textos permitir essa abertura interpretativa, como no texto “Em Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna” (1908), em que o autor apresenta um confronto entre a “moral sexual natural” e a “moral sexual civilizada”, remetendo a sexualidade para uma problemática, os autores da filosofia da Diferença, citados acima, ainda afirmam que o mesmo se rende ao conservadorismo cultural de sua época e à ciência quando estabelece uma estrutura para o sujeito. Deleuze e Guattari, em uma esteira filosófica, afirmam que as sexualidades borram as fronteiras, saltam as muralhas, atravessam os desertos, lentidões e velocidades, ziguezagueantes, há toda uma força, uma potência, fissurando as classificações, as identidades...

A sexualidade é um campo, um conjunto de desejos que não aflora em um lugar específico, mas é uma potência de cortes e fluxos. Há sempre um conjunto de fluxos de vida, de cultura, de sociedade que o corpo atravessa que ele intercepta e é interceptado, que recebe e emite. Há sempre um campo biológico, social, histórico, que o corpo está mergulhado (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 388).

Assim, se Freud liberta a sexualidade dos ergástulos dicotômicos que limitam as sexualidades aos órgãos genitais, por outro lado, aprisiona-a novamente nas tramas provocativas de Édipo, princípio pelo qual toda a sexualidade humana será organizada e determinada em uma certa direção. Nada escapa das tramas provocativas de Édipo, pai-mãe-filho... Uma sexualidade ligada aos acontecimentos familiares e da infância como única forma de organização sexual, noção que será duramente criticada por Deleuze e

Guattari (SILVA, 2000). Se Deleuze e Guattari dialogam com a psicanálise Freudiana, é para demarcarem uma leitura peculiar, emergida pela reflexão filosófica. Colocando um campo da ciência como um problema do pensamento.

Os autores arrastam a sexualidade para um campo diferente dos domínios identitários psicanalíticos, conectando-as a concepção de desejo, conceito fundamental nas obras desses autores que alcançara a máxima potência em “O Anti-Édipo”, retirando-o das amarras psicanalíticas que não cessam de impor ao desejo uma falta originária, o desejo não é falta, e sim produção, gozo e não castração, afirmação pura da diferença, do real... Um desejo que percorre todo o campo social, não apenas no complexo edipiano “pai-mãe-filho”, isto porque não há separação entre o libidinal e econômico³ (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

A sexualidade como desejo é um exercício corporal e desejante (BRITO, 2015), ela está em toda parte “na maneira como um burocrata acaricia os seus dossiês, como um juiz distribui justiça, como um homem de negócios faz circular o dinheiro, como a burguesia enraba o proletariado. E não há necessidade de recorrer a metáforas, tal como a libido não recorre a metamorfoses” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 382).

De acordo com Brito (2015, p. 230):

A sexualidade é um campo, um conjunto de desejos que não aflora em um lugar específico, mas é uma potência de corte e fluxos. Há sempre um conjunto de fluxos de vida, de cultura, de sociedade que o corpo atravessa, que ele intercepta e é interceptado, que recebe e emite. Há sempre um campo biológico, social, histórico, que o corpo está mergulhado. Tudo isso oferece cortes e fluxos libidinais. Assim, por mais fundado que seja o desejo, a libido, a sexualidade, por mais que ocorram bloqueios funcionais que comprometam o desejo como impasses familiares, máquinas repressivas que condensem uma energia livre, a sexualidade está sempre sendo atravessada por mundos e suas variações. O desejo sempre percorre uma propriedade libidinal que se abre e fecha para mundos e vastos mundos. A medida da sexualidade não será o homem e a mulher, pois ela sempre investe em grandes conjuntos, assim, a sexualidade não é uma especificação nos sexos. O falo não é um sexo, a vagina não é um sexo, mas compõe toda a sexualidade e seus investimentos.

Deleuze e Guattari (2010) criticam essa sexualidade produzida a partir de um antropomorfismo. Para os autores, o que há é uma transexualidade microscópica,

³ O esforço Deleuzeguattariano é pensar o desejo para além dos sistemas de estruturas, uma vez que ele é imanente, atravessa um duplo campo, isto é, ele circula tanto em uma infraestrutura originalmente opaca como na superestrutura dominante, o que implica no deslocamento da família, do eu e da pessoa para o lado da anti-produção, culminado com impossibilidade de separar o sexual e o econômico. Nessa perspectiva, inserção do desejo no campo produtivo evita, ainda, atribui-lhe um certo paternalismo, no qual existe uma classe dominante, detentora do saber para tomar as decisões ao passo que os dominados a concebem agindo contra seus próprios interesses, ou seja, partindo-se desta lógica as classes dominadas não seriam capazes de discernir o que é efetivamente bom para seus interesses pessoais.

produção de desejo em liames provocativos que subvertem a fixidez dos sexos. Uma sexualidade atravessada pelo social, sem interpretações ou simbolismo sexual. Se a psicanálise investe todo um esforço para buscar verdades sobre a sexualidade no interior do “Sujeito”, Deleuze e Guattari afirmarão que a sexualidade somente será experimentada na exterioridade, na superfície, nas bodas e nos liames dos corpos com o social e o econômico (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

Assim, a sexualidade como desejo para Deleuze e Guattari (2010), não estará presa a uma unidade, uma identidade ou estrutura, mas, “sexualidade como vestimenta de Arlequim, fluindo de máquinas desejantes⁴, que se acoplam e desacoplam, compõe a imanência dos corpos que deslizam gerando blocos de sensações, blocos de experimentações de si” (SANTOS, 2015, p. 65). Linhas de forças atravessam e cortam o sujeito, movimentam-no no enveredamento para criar saídas, cavar um buraco, lançar uma flecha, fazer barulho, ruídos... Uma sexualidade que atravessa todo o corpo, borrando as fronteiras das identidades, as bifurcações de gênero, uma sexualidade destituída de uma imagem moral “Sexualidade não culpabilizada “inserida nas produções e criações de afetos” (LINS, 2012, p. 123). Sexualidade fluxo, movimento, resistência a toda uma política de procriação para tocar as outras faces do desejo e do gozo.

Toda essa movimentação do desejo na produção de n’ sexualidades pode ser mais bem percebida na Arte, em especial a literatura. Território de intensidades, povoado por sujeitos da diferença, negam a representação e o idêntico, transitam livremente, traçam linhas circulares, ziguezagueantes, velocidade e lentidão, colocam o novo em deriva, faz ressoar outras potências dos desejos, dos afetos e dos corpos. Na literatura os personagens criam para si um modo de vida, inventam um povo, fazem uma gagueira na língua, traçam linhas de fuga, fissurando as concepções demasiadamente conservadoras, criando aberturas dentro espaço ficcional, dando à sexualidade potência para alçar vãos inventivos.

III

Abertura para mundos (im)possíveis

A arte e suas variações voláteis, em especial a literatura, produzem forças, afetos, desejos... Blocos de sensações que movimentam o leitor, arrastando-o para o deserto,

⁴ Sobre a questão convocamos a leitura de O Anti-Édipo, Deleuze e Guattari (2010, p. 54).

criando fissuras nas duras camadas que engendram as identidades. Mas nem toda literatura tem essa potência criadora. Deleuze e Guattari (1997) dirão que existem literaturas cuja única função é representar as histórias universais. Essas não interessam aos autores, mas as *literaturas menores*, as quais não buscam o modelo, o universal, mas possibilidades de fugir dele. Uma literatura que *desterritorialize a língua oficial*, subvertendo a realidade, desintegrando o real, nos faz escapar, buscar o novo.

Na literatura menor tudo é *político* na medida em que desterritorializa grupos minoritários, marginalizados, ressoa vozes distintas, nômades. Nela, o caso individual é necessário e indispensável. O próprio ato de existir é um ato político e revolucionário, o *valor é coletivo*, isto é, o interesse não reside unicamente no artista, ela toma conta de toda uma comunidade, inventa um povo (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Na produção do laboratório “Sexualidade e Literatura” tomamos como inspiradores as literaturas de Caio Fernando Abreu (conto “Sargento Garcia”) e Nelson Rodrigues (conto “Delicado”). Os escritos (auto)ficcionais⁵ desses autores são colocados em perspectiva pela tematização da sexualidade para além dos sistemas morais de codificação social. Sexualidades que atravessam toda uma experimentação de si e do outro (FORSTE, 2015). É importante ter em mente que não consideramos essas literaturas como “menores”, no sentido deleuze-guattariano, apenas pela visibilidade às outras formas de exercício da sexualidade, visto que muitos autores das ditas “literaturas gays” acabam retornando aos pressupostos que engendram as literaturas universais ao formalizar uma identidade homossexual como único princípio de verdade, limitando a multiplicidade de arranjos que atravessam a sexualidade humana ou pelas demarcações históricas no liame com o período de repressão, intolerância e violência da ditadura militar, bem como, também, o desconforto dos seus personagens frente às normatizações que lhe são impostas e o seu posicionamento político de resistência fundada na busca incansável por criar novas possibilidades de relacionamento “consigo” e com o “outro”. A menoridade pela qual entendemos atravessar a obra desses autores percorre linhas muito mais profundas, criadoras na medida em que produz abalos nos sistemas de organização social, criando linhas de fugas inventivas, povoando o deserto, a vida de n’ possibilidades, inventando um povo ainda por vir, colocando a língua em deriva para dar vazão às zonas de intensidades; potencializando os devires, fissurando o sentido das palavras (BRITO,

⁵ Autoficcional na medida em que, por vezes, vida e ficção se entrelaçam, não podendo denotar se o autor está narrando uma experiência própria ou apenas uma ficção, traço marcante na literatura de Caio Fernando Abreu.

2015). Não interessa na literatura menor o aspecto léxico da obra, mas, sobretudo, o ritmo linguístico, o revolucionário, a gagueira que ela produz na língua. Caio Fernando e Nelson Rodrigues fazem esse esforço de apresentar ao leitor um povo que falta, pois “[...] escrever não é contar as próprias lembranças, suas viagens, seus amores e lutos, sonhos e fantasmas” (DELEUZE, 1997, p. 11), há toda uma coletividade maquinada por esses autores, um valor político. Sobre a política dessas obras aqui entendida, recorreremos às ideias de Rancière (2007, p. 70):

A política da literatura diferencia-se do engajamento dos escritores ao serviço de uma causa e da interpretação que as suas ficções podem dar das estruturas sociais e dos conflitos políticos. A política da literatura supõe que a literatura aja, não propagando ideias ou representações, mas criando um novo tipo de “senso comum”, reconfigurando as formas do visível comum e as relações entre visibilidade e significações. Esta política é, pois, consubstancial a um estatuto da escrita, ao seu modo de se posicionar, à forma de experiência sensível que ela relata, ao tipo de mundo comum que ela constrói com os que lêem.

Assim, a política imbricada na literatura dos autores ocupa um lugar de obstinada resistência, não por exercer uma militância, um engajamento, uma causa ou denúncia ao sistema, mas “por sua capacidade de criar aberturas dentro e fora do espaço ficcional, de desestabilizar visões demasiado conservadoras, que não se limitam às configurações sócio-históricas figuradas” (FOSTER, 2015, p. 85). Diante desta política de criação de um “novo olhar” é que levamos esses autores para dentro dos espaços formativos de uma licenciatura integrada, em razão da sua potência para ativar a criação de linhas de fugas que escavam trincheiras em um território fechado, deixando vazar outros modos de existência, criando saídas... Um novo olhar, multiplicando e proliferando vidas no deserto e afirmando as potências da vida.

É importante colocar que não temos a intenção de buscar na literatura uma metodologia para trabalhar a sexualidade em espaços de formação de professora. Um caminho extremamente perigoso, uma queda diante precipício, um retorno às bases da representação, da generalização e do idêntico. A literatura dos autores selecionados não é maquinada no laboratório como uma ferramenta para ensinar. Recepcionar essa funcionalidade da literatura é afirmar que ela ocupa um lugar de subalternização frente aos conhecimentos ditos “maiores”. No livro “*O que é filosofia?*”, Deleuze e Guattari (2013) indicam que existem três campos dos saberes, a arte, a ciência e a filosofia. Enquanto a arte, em especial para esta pesquisa a Literatura, trabalha com a criação de afectos e perceptos, a ciência opera com funções e a filosofia no trabalho conceitual

(DELEUZE; GUATTARI, 2013). Entre os três campos não há hierarquia, nem sobreposição, mas intercruzamentos na medida em que os três são criadores. Quando o filósofo aciona a literatura é para tencionar ressonâncias e conexões, deslocar filosofia e a literatura, pois uma filosofia é, antes de tudo, movente e criadora. Assim, quando a filosofia aciona a literatura não é para exemplificar conceitos, tampouco legitimá-los “A ressonância entre elas se dá na medida em que um agregado sensível vindo da literatura provoca a criação de um conceito ou então quando o conceito filosófico mobiliza um bloco de afectos e perceptos” (BARBIERI, 2015, p. 10).

Com isso, a Literatura é maquinada na proposta do Laboratório, sem hierarquias e conclusões desnecessárias, mas como potência criadora de afectos e perceptos. O encontro entre Literatura e Sexualidade em um laboratório de leitura mobilizou a escrita de um bloco de imagens que não tem por intenção representar o real, o verdadeiro, muito menos presentificar um instante, mas, antes de tudo, dar passagem aos blocos de afectos e perceptos que atravessaram os corpos dos participantes do laboratório a partir do encontro com a literatura, colocando a sexualidade em perspectiva. Alguma coisa mudou? O que/Como? Haverá reverberações em seus processos formativos professorais? Em suas vidas? Seus corpos? Seus pensamentos? Não sabemos, nem buscamos por essas respostas, o que interessa é mobilizar uma literatura como processo criativo, possibilitando pensar outras conexões, outros arranjos, dar visibilidade ao que é vital, as intensidades para além dos regimes identitários, dos binarismos e das dicotomias, deixando vazar pequenas frestas de uma diferença pura, povoada por singularidades.

Um laboratório de leitura e escrita é apresentado. Professores e alunos conversam, falam das suas expectativas com o curso, da proposta, dos medos, anseios... Uma leitura coletiva começa pelo meio, com a palavra, Caio Fernando Abreu e o seu conto “Sargento Garcia”, para compor a trama Nelson Rodrigues e o conto “Afeminado”. Juntos, alunos, professores, Nelson Rodrigues, Caio Fernando, Deleuze, Guattari, Sargento Garcia e Euzebinho dramatizam esse laboratório. Entre uma leitura e outra, pausa, seguido de diálogo, conversa, reflexão, digressão... Alunos expõem suas opiniões, narram suas experiências resgatadas no mais profundo de sua memória. Um convite é lançado, uma escrita coletiva. No centro da sala, papéis, canetinhas e Lápis são espalhados pelo chão... Sem objetivos pré-definidos, formatações ou explicações, alunos e professores escrevem, pintam, fazem colagens, desenham sobretudo aquilo que estão sentido, pensando, desejando... Nessas produções, ora de escrita, ora imagéticas, ressoam conexões, linhas

muito tênues entre a literatura e a sexualidade que estão para além de um centro motor do é.

IV

Bloco de Imagens-Escrita-Vida

O que pode um laboratório de leitura escrita? Que ruídos podem produzir nos sistemas de codificação social que engendram a sexualidade? Que sexualidades são produzidas a partir destas leituras? Quais efeitos escapam dos domínios identitários para pensar uma sexualidade outra? Que sensações a literatura é capaz de criar? O que passa entre sexualidade e literatura em um laboratório de leitura e escrita? Que efeitos ressoam no pensamento e no corpo dos participantes? Que vitalidade a literatura traz para o exercício corporal de outras possibilidades de existência? Que potências oferecem a literatura e seus atravessamentos com a sexualidade para os processos formativos professorais? Como o heterogêneo salta às uniformizações formativas professorais?⁶

I

Memória

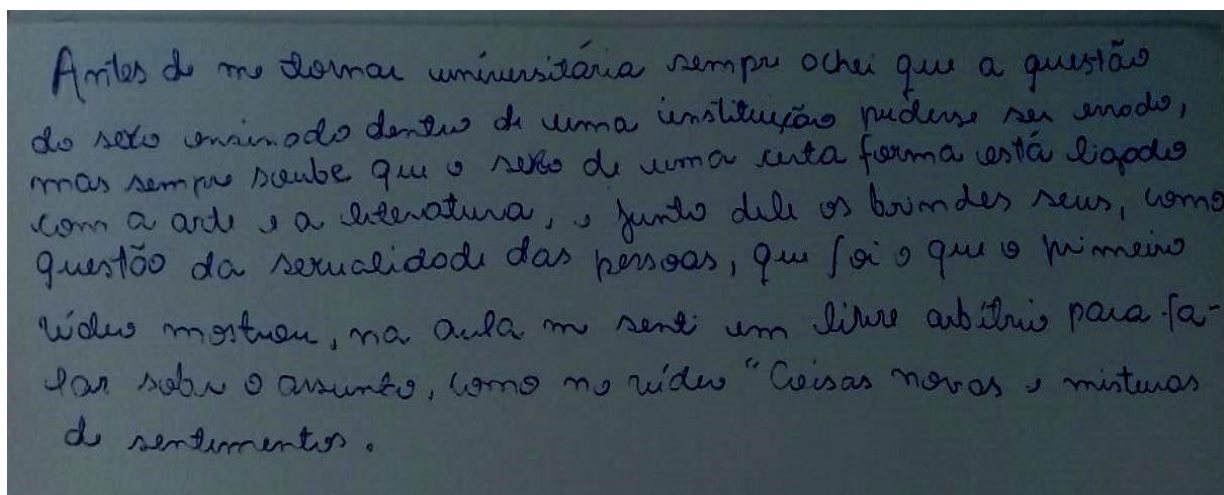


Fig. 1 – Relato de uma aluna
Fonte: dos autores

⁶ Todas as imagens/escritas que compõem esse bloco foram produzidas durante o laboratório de literatura e sexualidade.

II

Que corpo é esse?

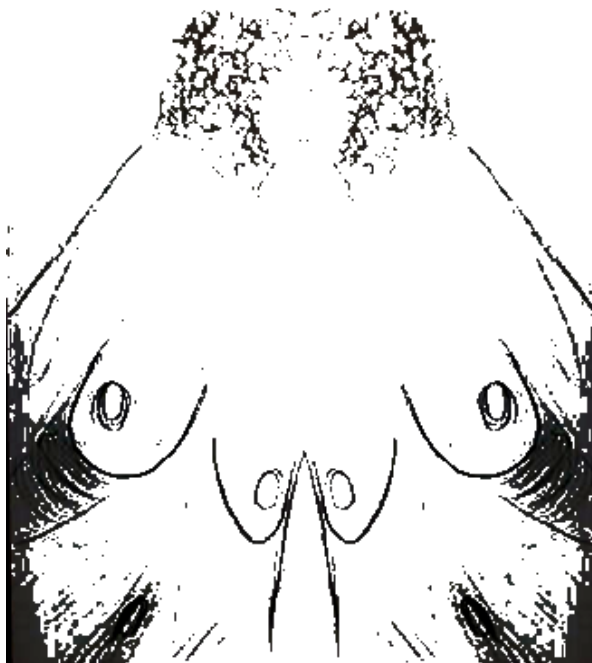


Fig. 2 – Imagem produzida por uma aluna
Fonte: dos autores

III

Nas trilhas do julgamento

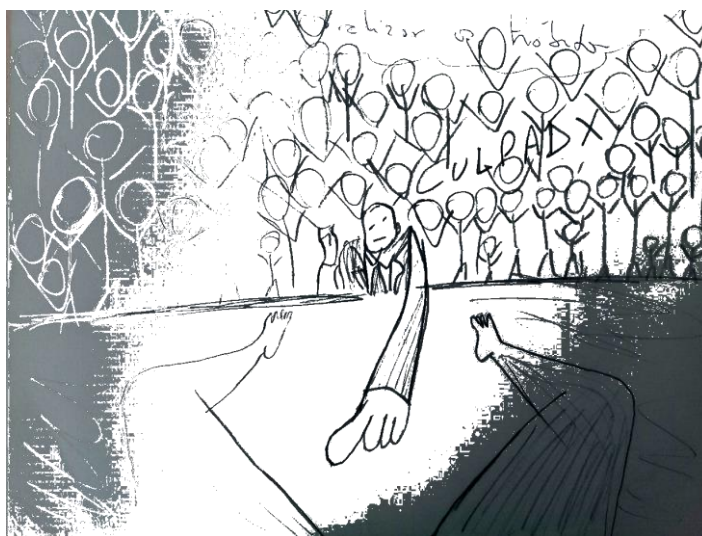


Fig. 3 – Imagem produzida por uma aluna
Fonte: dos autores

IV

Cartas para ninguém

Eu acredito no destino, acredito no amor voadores, acredito em nós. O que mais devo pensar, fazer na mão dos apenas te esperar. Te esperar porque?

Porque eu quero você foi e é o meu primeiro e grande amor e sei o que sei que existe dentro de mim.

Então cansada, estou. Apenas quero a felicidade no final de tudo.

Quem viu o céu viu o dia
Quem viu o dia viu a tarde
Quem viu a tarde viu a noite.
Quem viu a noite viu o céu
Quem não viu o céu não me viu

Fig. 4 – Relato de uma aluna
Fonte: dos autores

V

Aprisionamento

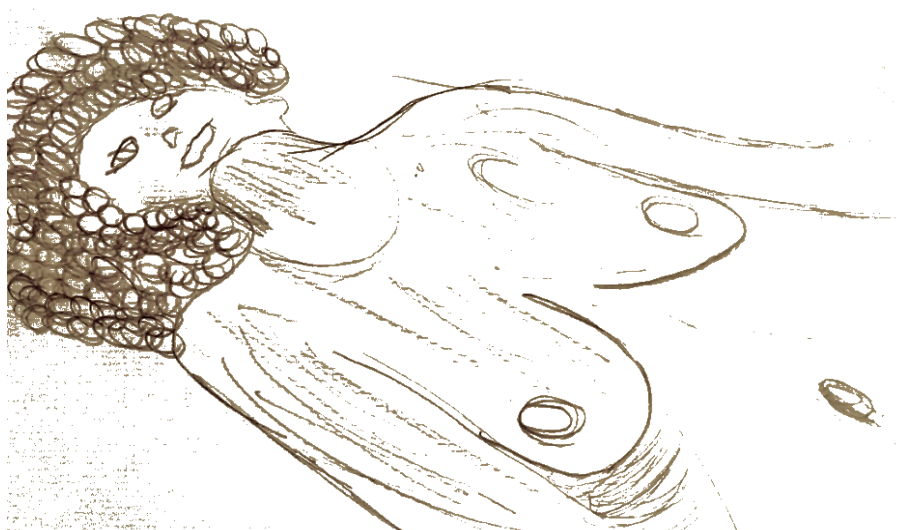


Fig.5 – Imagem produzida por uma aluna
Fonte: dos autores

VI Corpo híbrido

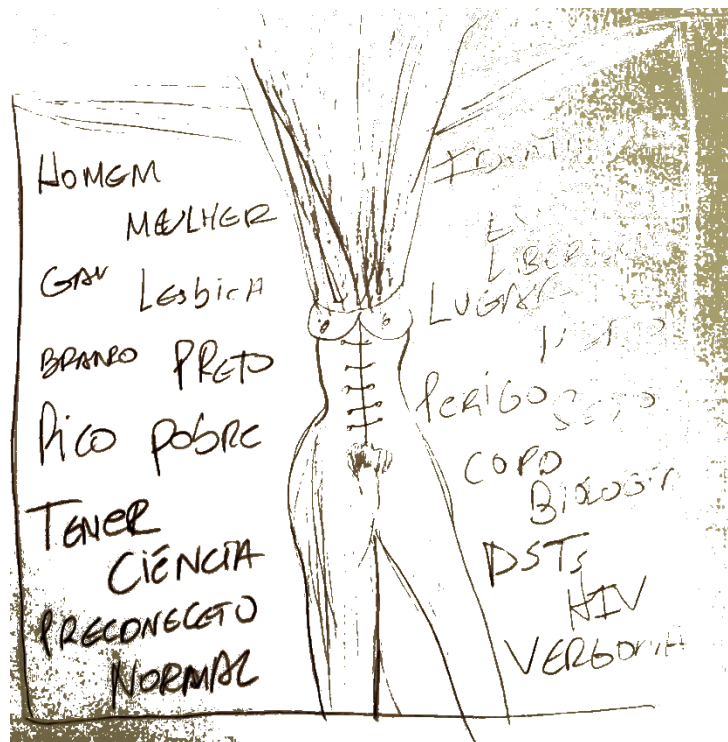


Fig. 6 – Imagem produzida por uma aluna
Fonte: dos autores

VII O beijo da morte

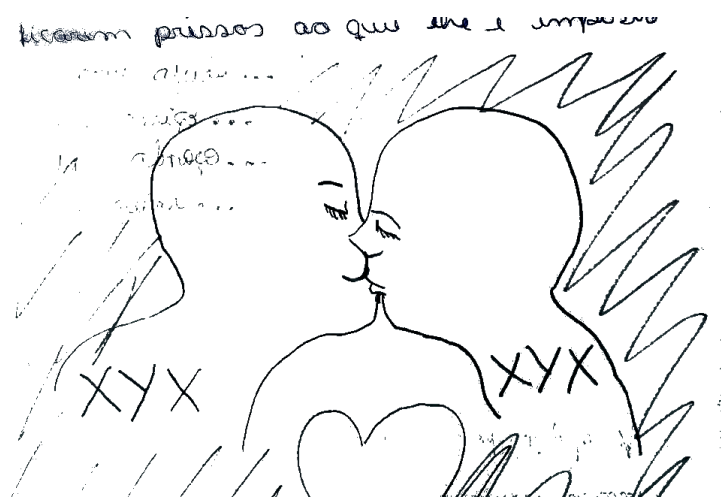


Fig.7 – Imagem produzida por uma aluna
Fonte: dos autores

VIII

Rosto sem imagem

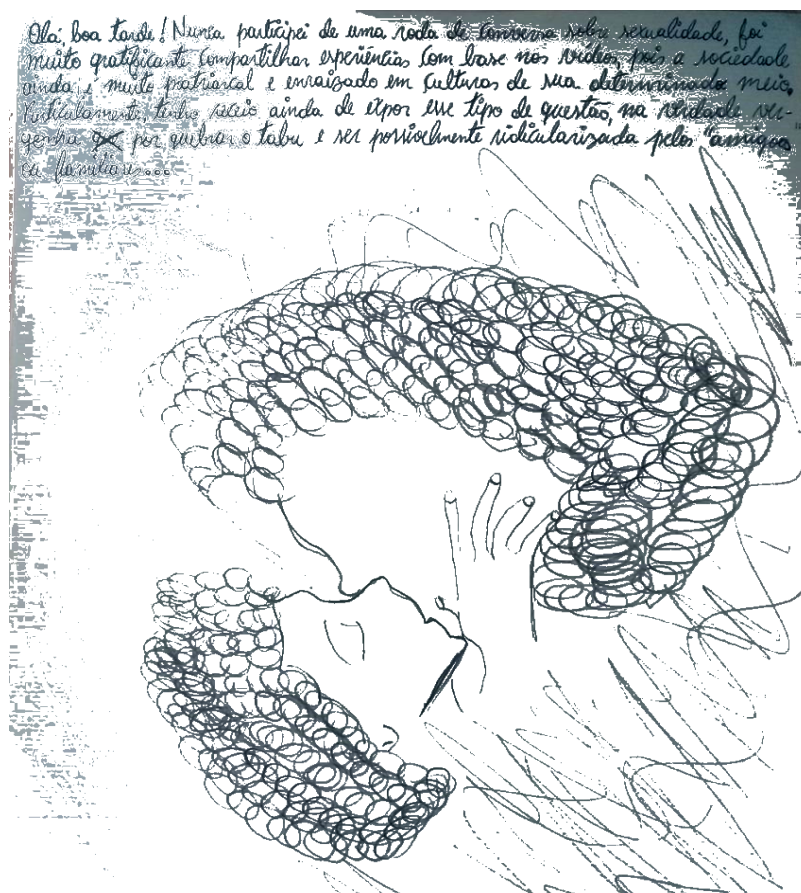


Fig.8 – Imagem produzida por uma aluna
Fonte: dos autores

A sexualidade não quer ser interpretada, mas experimentada... A literatura é esse canal de vazamentos, ela não movimenta um mundo imaginário, ela é a manifestação da vida na sua mais pura singularidade. A literatura coloca em perspectiva as potências criativas de um corpo, mesmo que seja por imagem, ora, a imagem também é um texto. O corpo não tem unidade, mas intensidades. Forças do desejo o atravessam, corta, desfaz combinações sólidas, produz outros arranjos... Arranjos impossíveis, improváveis, inacabados, colocam a verdade em questionamento, o que pode mesmo um corpo? Não sabemos, nem queremos interpretá-lo, ele é borrado nas fronteiras em contato com o sensível, na intensidade dos encontros, dos afetos... Toda uma maquinaria social é operada no engendramento da vida. Corpo e Sexualidade retalhados pelos signos do julgamento e da moral... O corpo e suas variações profanas... Culpado! Gritam os burocratas e os moralistas...

V

Uma toca, uma saída

A literatura faz seus movimentos inventivos pelas bordas, criando aberturas dentro e fora do espaço ficcional, um pensamento que cria saídas, linhas de fugas, para não se deixar capturar pelos regimes totalitários que visam à unidade, a estrutura, o orgânico. De caminhos fluídos, da gagueira na língua e na fala fragmentada, de um povo ainda por vir, do não-dito e das imprecisões, de resíduos e das bordas emerge a literatura de Caio Fernando Abreu e Nelson Rodrigues. Uma literatura maquinada por múltiplas entradas e muitos becos, inclusive sem saída, colocam em perspectiva a busca pela experimentação de si, ainda que seja no outro. O funcionamento dessa literatura é sempre um corte, um fluxo. Uma paixão pelas palavras, mas que há também um desejo de esvaziá-las das suas significações, processando toda uma lógica do sentido.

O laboratório de leitura e escrita foi assim um encontro alegre, sem deixar de ser desconfortável, um encontro que movimentou literatura, sexualidades, Caio Fernando Abreu, Nelson Rodrigues, afetos, alunos, imprecisões, professores, desejos... n' sensações. Uma sala de aula povoada por potências singulares, a sexualidade escapa das universalizações, produz uma gagueira na linguagem formativa, o heterogêneo salta às práticas curriculares... Toda uma produção sensível é maquinada, aceleração e desaceleração, desmontagem de moléculas, barulho, ruídos...

Fotografias, desenhos, relatos e escrituras mobilizam a escrita deste ensaio, a literatura como potência do sensível, emissora de signos capazes de produzir encontros potentes; violentar o pensamento; colocar a sexualidade em questionamento, uma sexualidade aberta às singularidades, ao heterogêneo, o novo como possibilidade de existência, a criação e a invenção de uma vida, de uma sexualidade como linhas de fuga para escapar do modo de vida representacional. Criar outros mundos, outras vidas, experimentar outras forças, afirmar as potências do corpo, da linguagem e do pensamento é o verdadeiro desafio que nos é lançado em meio ao deserto da vida. Experimente ler, criar, inventar uma sexualidade, uma vida, uma escrita, um corpo... Eis o convite que fazemos aos possíveis leitores, experimente! Pois como pensar outras formas de vidas quando o corpo não vive! não vive! não vive! Vive?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIERI, M. B. *A desterritorialização em "Os passos perdidos" de Alejo Carpentier*. 2015. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Paulo.

BRITO, M. R. *Entre as linhas da educação e da diferença*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

CORRÊA, S. L. *Análise da crítica de Deleuze e Guattari à noção psicanalítica de sexualidade como modo de constituição da subjetividade*. 2006. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2013

_____. *Kafka: por uma literatura menor*. São Paulo: Ediciones Era, 1997.

FORSTER, G. *Devir-revolucionário nos escritos de Caio Fernando Abreu e de Reinaldo Arenas: traçados de um encontro (por vir)*. 2015. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.

LINS, D. *Estética como acontecimento: O corpo sem órgãos*. São Paulo: Lumme Editor, 2012.

RANCIÈRE, J. *Política de Literatura*. São Paulo: Livros de Zorzal, 2007.

SANTOS, H. S. S.. Ninguém fluindo de máquinas desejantes. *Linha Mestra* (Associação de Leitura do Brasil), v. 27, 1, p. 234-237, jan./abr. 2015.

SANTOS, H. S. S; BRITO, M. R. Sexualidades na escola: desejos em fragmentos de papel. *Variações Deleuzianas: Educação, ciência, arte e...* São Paulo: LF, 2017.

SILVA, C. V. *O conceito de desejo na filosofia de Gilles Deleuze*. 2000. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

Artigo recebido em: 07/09/18

Artigo aceito em: 10/10/18